

# O SERTÃO COMO FORMA DE PENSAMENTO

*Willi Bolle\**

## RESUMO

Focalizando um micromodelo do sertão, o “Liso do Sussuarão”, este ensaio estuda a construção da paisagem em **Grande sertão: veredas** como componente de um retrato do Brasil. Partindo do confronto entre geografia inventada e geografia real, examina-se a tese rosiana do sertão como um “pensamento” que “se forma mais forte do que o poder do lugar”, comparando essa tese com o paradigma dos viajantes naturalistas, o determinismo positivista de Euclides da Cunha e a nova historiografia. Como traço estilístico dominante é detectado um modo de escrever que se pode chamar de “poética da dissolução”, pela qual o romance de Rosa se configura como um poderoso dissolvente de outros tipos de discursos sobre o Brasil.

Na figura do narrador Riobaldo, barranqueiro do Rio São Francisco, o autor de **Grande sertão: veredas**<sup>1</sup> nos legou um auto-retrato alegórico. Postado à margem do “grande caminho da civilização brasileira” (Ribeiro, apud Cunha, 1985, p. 163), ele propõe uma leitura desse caminho que é uma leitura ímpar na tradição do gênero retratos do Brasil. A configuração gráfica da última edição revista e aprovada pelo autor (5. ed., 1967) enfatiza esse caráter do romance. Nas orelhas da capa, o ilustrador Poty criou, em parceria com o escritor, “como se fosse um resumo do livro” (cf. Costa, 1998), um mapa da região central do país,<sup>2</sup> onde o rio da história brasileira aparece duplamente: como traçado cartográfico e, no meio entre as duas margens cartográficas, como a “terceira margem”, o fluxo de uma narração de 460 páginas, o discurso de busca e investigação de Riobaldo, o narrador-rio.

A leitura desse sertão chamado Brasil (cf. N. T. Lima, 1997) se faz, por parte de Guimarães Rosa, antes de mais nada, como leitura de uma paisagem. Para compreender melhor a construção da paisagem em **Grande sertão: veredas** como

\* Universidade de São Paulo.

<sup>1</sup> Rosa, 1967. Citado daqui em diante “GSV”.

<sup>2</sup> O mapa encontra-se em anexo.



construção da paisagem em Guimarães Rosa, será feito um recorte, focalizando-se um micromodelo do sertão: o Liso do Sussuarão, isto é, os dois episódios que tratam de sua travessia.

O Liso do Sussuarão representa a quintessência do sertão. É o “desertão”, a encarnação do *Urwort* de onde a palavra “sertão” talvez se originou.<sup>3</sup> O Liso é o lu-

alicerce de um retrato do país, é necessário historicizar essa forma, isto é, compará-la às formas precursoras.

Retrocedendo na cronologia, temos, mais próxima de nós, a proposta metodológica da *École des Annales*, que concebe o espaço como protagonista da História (cf. Braudel, 1966). Esse paradigma da nova historiografia foi de certa maneira antecipado por Euclides da Cunha, com *Os Sertões* (1902). Retrocedendo mais, até o Romantismo, temos os teóricos alemães da paisagem, que substituíram a contemplação pitoresca dos *tableaux de la nature* por uma interpretação de cunho político: a *Landschaft* tornando-se uma forma de afirmação da identidade do *Land* – a Terra, o País (*Revue Germanique*, 1997). Nesse contexto situam-se os viajantes naturalistas, cuja descrição da região central do Brasil, com a incorporação da nomenclatura dos autóctones, transformou o sertão em personagem da literatura e da historiografia.

Pretendo dar aqui uma idéia sucinta de como o autor de *Grande sertão: veredas* retrabalhou esse legado. À guisa de exemplo de

<sup>3</sup> Na verdade, a etimologia da palavra *sertão* é desconhecida, como me fez lembrar Flávio Aguiar, que está desenvolvendo uma pesquisa sobre esse assunto. Há, contudo, momentos, tanto em Guimarães Rosa quanto em Euclides da Cunha, em que o *sertão* torna-se um *deserto*.



gar dos extremos. Extremo, no sentido geográfico: lugar nos ermos e, paradoxalmente, centro geográfico do País; extremo, no sentido existencial: é o lugar onde o ser humano é posto à prova, o lugar emblemático da travessia; extremo, no sentido simbólico, na medida em que representa os limites do conhecimento. O Liso é a *terra ignota*, tópos anteriormente trabalhado por Euclides da Cunha e retomado pela “travessia verbal” de Guimarães Rosa. Terra ignota, na medida em que a descrição científica chega a seus limites – como mostrou Luiz Costa Lima num estudo recente sobre *Os sertões* –, observando que essa situação-limite traduz também “o desconhecimento do país real por suas elites”. (1997, p. 166s. e 186)

“Sertão: êstes seus vazios. O senhor vá. Alguma coisa ainda encontra.” (GSV, p. 27). Essas palavras meio irônicas do narrador rosiano não são um convite à beletrística; são uma sugestão de conhecer, juntamente com o relato de Riobaldo, o sertão real, fora do livro.

Para termos uma idéia mais concreta da geografia do Liso do Sussuarão, vamos extrair algumas coordenadas da cartografia meio fantástica, meio científica do mapa de Poty e do próprio texto do romance. Ao descrever o rumo até o Liso, o narrador se refere a duas bacias fluviais: “Para trocar de bacia o senhor sobe [...] entra de bruto na chapada, chapadão” (GSV, p. 27). Trata-se das terras altas entre os rios Urucuia e Carinhanha.

Para quem vem do Oeste, esse chapadão (que incorpora o Liso da Campina) impõe uma bifurcação de caminhos. Na antiga rota de tropeiros, da cidade de Formosa, em Goiás, até Januária, principal porto no médio São Francisco, havia duas opções: ir cruzando o curso superior dos afluentes da margem esquerda do Urucuia



até a Serra das Araras; ou acompanhar o Carinhanha até o Ribeirão dos Bois, afluentes da margem direita, e a partir daí atravessar o chapadão perto da Lagoa da Sussuarana, descendo depois pelo vale do Rio Pandeiros. Tanto na primeira quanto na segunda incursão pelo Liso, Riobaldo escolheu a rota do alto Urucuia: inicialmente o Rio Piratinga (GSV, p. 27) e o Córrego do Ouro (sugerido à p. 28); mais tarde, a variante pelo Ribeirão da Aréia. (p. 368)

Além das referências hidrográficas, o texto fornece como marcos a Serra das Araras (no mapa de Poty deslocada para o Sul) e o Vão-do-Buraco (GSV, p. 29), próximo à Serra das Araras e dentro do qual nasce o Rio Pardo (não representado no mapa). Em seguida, há referência a três pedaços de terras altas para caracterizar o espaço de transição para o Liso: o já mencionado chapadão entre as nascentes do Carinhanha e do Piratinga, a “contravertência do [Rio] Preto e do Pardo” (p. 29), e o tabuleiro que se estende em direção ao Leste até os Rios Catolé, Peruassú e Cochá (p. 29; já fora do mapa).

Na geografia real, esses três segmentos de chapada constituem um tabuleiro único, de uns 180 km de extensão no sentido Oeste-Leste – o que corresponde às “quase trinta léguas” estipuladas por Riobaldo como largura do Liso (GSV, p. 382). Ali, o calor pode ser “de morte” e, até um quarto de século atrás, não havia “água nenhuma”. De lá para cá, as coisas mudaram, pois o centro do Tabuleiro foi colonizado por neobandeirantes gaúchos.

Comparando a construção ficcional do Liso com a geografia real, observamos os procedimentos de deslocamento, de fragmentação e desmontagem, de condensação e remontagem. O narrador retira pedaços reais do sertão e os recompõe livremente – de maneira análoga aos mapas mentais, que nascem da memória afetiva, de lembranças encobridoras, de pedaços de sonhos e fantasias, medos e desejos.

Com relação ao grande Tabuleiro no extremo norte de Minas, o romancista situa o Liso do Sussuarão “mais longe, prá lá, prá lá, nos ermos” (GSV, p. 29). Sendo que por lá do Sussuarão, “já em tantos terrenos da Bahia” (veja-se o limite Norte no mapa de Poty), se localiza a fazenda do Hermógenes, que o bando de Riobaldo planeja atacar de surpresa. Todos os rios ao norte do Tabuleiro são omitidos, a começar pelo Carinhanha. Dessa forma, cria-se uma extensão ininterrupta de paisagem desértica, de uns 300 km de profundidade no sentido Sul-Norte (o que corresponde à estimativa de “cinquenta léguas” por parte de Riobaldo), até chegar ao Rio das Fêmeas (mencionado à p. 309 de GSV), que efetivamente se encontra “nos gerais” do norte da Bahia.

Do lado de cá, como último pouso em terras de Minas Gerais, o romance se refere ao Bambual do Boi (GSV, p. 37), onde o bando pernoita e arruma os preparativos finais. Pode ser perfeitamente localizado na geografia real, como, aliás, a grande maioria das referências topográficas fornecidas pelo romancista.<sup>4</sup> Para se chegar,

<sup>4</sup> Apenas não me foi possível, numa viagem recente em busca do Liso do Sussuarão, localizar a Aroeirinha e o Vespê (GSV, p. 28 e 37), que parecem ser lugares inventados.



hoje em dia, até o Bambual do Boi e à sua (já diminuta) lagoa (GSV, p. 38), o mais prático é ir até a Chapada dos Gaúchos, vila fundada nos anos 1970 no meio do Tabuleiro, e andar uns 30 km em direção a Leste, na estrada para Montalvânia.

Este confronto da geografia inventada com a geografia real pode causar um certo desencantamento e talvez até desgosto aos leitores aficionados de Guimarães Rosa, que prefeririam se ater apenas à topografia simbólica. Trata-se, contudo, de um procedimento heurístico que me parece necessário. O confronto das nossas impressões de leitura com a observação das transformações históricas ocorridas no sertão, do tempo da publicação do romance para cá – abertura de novas estradas, criação de cidades, plantações de soja, eucaliptos e pinhos, destruição do cerrado, criação do Parque Nacional Grande sertão: veredas – permite avaliar mais adequadamente a construção e a função do imaginário, de que o Liso do Sussuarão é uma peça-chave. Não compreenderemos a forma de pensamento ligada à representação do lugar em **Grande sertão: veredas**, se celebramos miticamente esse lugar, como uma indecifrável “escrita da terra”, uma mensagem ctônica atemporal.

O diferencial de tempo, observado entre o sertão do romance e o sertão real de hoje em dia – ou seja, a historicização da paisagem – serve de antídoto contra interpretações culturais e mitificadoras da obra de Guimarães Rosa, as quais neutralizam seu teor crítico. O que se pretende aqui é experimentar um método assim caracterizado por Walter Benjamin: “Dissolver a ‘mitologia’ no espaço da história” (GSV/2, p. 1.014). Dissolver quer dizer: analisar. No caso, trata-se de elucidar a mitologização da Terra em Guimarães Rosa – o que só pode ser feito por meio de uma hermenêutica comparativa e histórica.

Cento e oitenta anos antes de nós, em 1818, a região do Liso do Sussuarão foi explorada pelo viajantes alemães Spix e Martius (1980 e 1981). Vamos nos inteirar do espírito dessa viagem, com o intuito de definir o paradigma naturalista de descrição do sertão.

A rota de Spix e Martius no percurso de Januária até Goiás foi a via alternativa à do Urucuia: Rio das Pedras (afluente do Rio Pandeiros) – Serra das Araras (que eles deixaram à esquerda) – Sete Lagoas (perto da Lagoa Sussuarana) – Ribeirão dos Bois – Rio Carinhonha (que eles cruzaram) – Chapada do Paraná – Fazenda Rio Formoso, perto da atual trijunção dos estados Minas Gerais, Bahia e Goiás. Essa rota coincide, em sentido inverso, com a da retirada do bando de Medeiro Vaz depois da fracassada tentativa de atravessar o Liso do Sussuarão (cf. GSV, p. 45). Vale dizer que a viagem dos naturalistas alemães correspondeu a uma incursão ao miolo do Liso.

O paradigma naturalista de representação do sertão pode ser assim resumido: do registro classificatório e taxonômico da geologia, flora e fauna, dentro dos moldes da *histoire naturelle* de Buffon e Lineu, os viajantes passaram a uma descrição holística, retratando a fisionomia da paisagem, segundo o gênero dos *tableaux de la nature*, consagrado por Alexander von Humboldt, sob a influência da *Naturphilo-*

*sophie* de Schelling e Goethe. A região percorrida por Spix e Martius foi caracterizada por eles como sendo de “vastas extensões áridas de areia”, chamadas “charnecas”, tendo por entre elas “magníficas campinas virentes, nas quais surgem espalhados os troncos da nobre palmeira buriti” (p. 104s.; p. 567).<sup>5</sup> Visão fisiognômica da paisagem que João Guimarães Rosa iria sintetizar em três palavras: **Grande sertão: veredas**.

A natureza é vista pelos viajantes alemães como “escultora” (*die Bildnerin Natur*), sendo ela que compõe a paisagem (v. 2, p. 105; p. 568). Por outro lado, Spix e Martius registram a ação da “mão destruidora e transformadora do homem”, que obstrui e desvia o curso da natureza. Portanto, os viajantes historicizam a paisagem do sertão. Há uma frase profética: “Os pesquisadores do futuro não mais obterão os fatos na sua pureza das mãos da natureza, que já hoje em dia, pelo desenvolvimento burguês deste país em vigoroso progresso, está sendo transformada em muitos aspectos” (v. 2, p. 103; p. 564). O ano era 1818.

Do lugar onde Guimarães Rosa situa o Liso – mais longe que o Chapadão no extremo norte de Minas Gerais, “prá lá, prá lá, nos ermos” – os viajantes oferecem a seguinte descrição: “uma vasta planície arenosa”, “coberta com arbustos espessos em parte sem folhas durante a seca, que quase todos os anos são vítimas do fogo posto pelos sertanejos” (v. 2, p. 105; p. 570). É um primeiro retrato dos fazedores de deserto, sobre os quais escreveria mais tarde Euclides da Cunha. (1985, p. 131-134)

Mas há ainda um outro tipo de observação dos viajantes: eles mostram a paisagem como produtora de singulares fenômenos de percepção, antecipando o paradigma mesológico de Hippolyte Taine e de Euclides, como também a *École des Annales*, com sua combinação de história do espaço, história econômica e história das mentalidades. Escrevem Spix e Martius: “Aqui e acolá a reverberação do calor ardente das areias da charneca produzia oscilação constante da atmosfera, de sorte que todos os objetos pareciam dançar diante de nós” (v. 2, p. 106; p. 569). Quer dizer, que, para registrar mais fielmente a realidade, os naturalistas abandonam o discurso da ciência positivista, para falar da percepção de um espaço virtual, imaginário, metafísico.

Não se trataria aqui já de uma prefiguração da tese rosiana (que é o alvo desta pesquisa) de que “sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar” (GSV, p. 22)? Tese ligada ao desenvolvimento de um topos formulado por Spix e Martius quando se encontravam no limiar do sertão e desenvolvido durante sua travessia do Norte de Minas: o sertão como terra dos milagres e, ao mesmo tempo, terra dos perigos.

Evoquemos brevemente os elementos básicos desse tópos. Terra dos perigos, na medida em que as “extensas queimadas” que se propagaram, acompanhadas de “enormes colunas de poeira de carvão”, constituíram uma séria ameaça à vida dos viajantes. Terra dos milagres, na medida em que eles, que então resolveram se loco-

<sup>5</sup> Nas citações de Spix e Martius, a primeira indicação se refere à tradução brasileira (com interpolações minhas), a segunda, ao original alemão.



mover depois da meia-noite, encontraram “nuvens de pó negro, em cuja base chispavam faíscas, fazendo lembrar as colunas que precediam os israelitas no deserto, indicando-lhes o caminho”. (v. 2, p. 107; p. 569)<sup>6</sup>

Um povo sendo guiado através do deserto por uma grande força religiosa – tal fato existiu também na história brasileira. Euclides da Cunha registrou e desenvolveu essa imagem em *Os Sertões*, no contexto de sua teoria mesológica.

A teoria mesológica positivista considerou a cultura dos homens, sob todos os aspectos, como sendo determinada pelo meio físico em que vivem. Adaptando o modelo de Hippolyte Taine, Euclides expõe as influências múltiplas do espaço geográfico, o sertão, sobre a ocupação do território, o povoamento, a miscigenação, a gênese da população. Com a tese de que aquela rude sociedade sertaneja era “o cerne vigoroso da nossa nacionalidade” (Cunha, p. 167), o sertão deixou de ser uma região entre várias outras regiões do país, para se tornar o espaço do *nation-building*, o espaço definidor da identidade brasileira.<sup>7</sup> Veremos que Guimarães Rosa, embora o sertão ocupe em sua obra a mesma posição central, se manteve distante de tons nacionalistas.

Continuando este breve resumo da teoria mesológica de Euclides: O meio físico influi também sobre a atividade econômica (a criação de gado se dá por “sugestão dos *gerais*”), vestimenta e habitações, comportamento, hábitos, vida social e sentimento religioso. Este é caracterizado por crenças e superstições, misticismo, sincretismo, sebastianismo e movimentos milenaristas.

Como ilustração por excelência da teoria mesológica avulta no relato de Euclides a figura de Antonio Conselheiro, líder da população sertaneja na luta contra o processo de modernização imposto pelo Governo brasileiro. Antonio Conselheiro é visto por Euclides como “representante natural do meio em que nasceu” (p. 139). Sua biografia resumiu a existência da sociedade sertaneja. Todos os caracteres do sentimento religioso dos sertanejos – “vagos, indecisos, mal percebidos quando dispersos na multidão” – manifestaram-se nesse indivíduo de forma definida e enérgica (p. 206).

Antonio Conselheiro aparece no papel de atravessador do deserto. É o que motiva e justifica esta comparação com o episódio da travessia do Liso do Sussuarão no romance de Guimarães Rosa. O Conselheiro é a figura do errante que pervagou durante anos e décadas pelos sertões. Daí decorreu o seu poder. É como se ele fôsse a encarnação do meio físico, como se ele fôsse o Sertão em pessoa. “Ele surdia [...] como uma sombra das chapadas povoadas por duendes [...] deixando absortos os matutos supersticiosos. Dominava-os, por fim, sem o querer” (Cunha, p. 216). O Conselheiro começou a ter seguidores, cada vez mais...

Metodologicamente falando, Euclides apresenta a história política com base numa teoria mesológica, que já contém elementos de uma história das mentalida-

<sup>6</sup> Cf. A Bíblia de Jerusalém, Êxodo, 13, 21-22.

<sup>7</sup> Veja-se, por outro lado, o exame crítico dessa tese em Zilly, 1996.

des. Pelo comentário distanciado do autor, o sertão é visto como terra dos milagres: “uma sociedade [...] que [...] compreendia melhor a vida pelo incompreendido dos milagres” (p. 216). Terra dos milagres, mas também terra dos perigos, na medida em que produziu uma religião “perigosa”, na ótica das autoridades. Antonio Conselheiro, o errante humilde, arrebanhou o povo, eclipsou as autoridades e, segundo o arcebispo da Bahia, propagou “doutrinas subversivas, distraindo o povo de suas obrigações” (p. 216). Essa foi a visão oficial de um projeto político alternativo ao da modernização promovida pela República brasileira, a qual usou como último argumento a bala, o “legislador Comblain”. (p. 251)

Diante do *páthos* humanista de Euclides, Guimarães Rosa se manteve profissionalmente impassível (cf. Bolle, 1998). Como leitor de **Os Sertões**, na parte que se refere a Antonio Conselheiro, só marcou um detalhe, materialista: que os Macieís eram uma família “vivendo de vaqueirice” (Cunha, p. 209). Como romancista, no entanto, Rosa retomou o *tópos* religioso da “hégira para o sertão” (Cunha, p. 140 e 229s.), reelaborando-o no episódio da segunda travessia do Liso do Sussuarão – muito embora o ancestral espiritual do Chefe Urutú-Branco não seja tanto a figura histórica de Antonio Conselheiro, mas um tipo de personagem que faz parte da **História universal da infâmia**: um falso profeta, o *enmascarado* Hákim de Merv. (Borges, 1935)

Voltemos para a leitura do Liso do Sussuarão, focalizando desta vez a segunda travessia, realizada com êxito pelo chefe Riobaldo. Sob o signo de atravessador dos sertões, o personagem rosiano – que poderia ter sido “chefe de jagunços” ou “padre sacerdote” (cf. GSV, p. 15) – rivaliza com a figura de Antonio Conselheiro.

Há semelhanças e diferenças. As semelhanças estão na predisposição religiosa de Riobaldo. Enquanto o bando de jagunços sob sua chefia cavalga pelo sertão sem rumo definido, ele anda “pensativo de projetos” e declara: “Queria ver ainda um igreja grande, brancas tôrres, reinando de alto sino, no estado do Chapadão” (GSV, p. 365) e “Como que algum santo ainda não há de vir deste meu Urucúia?” O que é que Riobaldo tenciona fazer? Depois de lançar tais palavras, que sugerem um projeto de construção de comunidade religiosa, inspirado por uma concepção messiânica, o narrador retarda o narrar, deixa o assunto no ar, e prossegue a história de modo torto, encoberto, ocultado. “Andava às tortas, num lavarinto” (GSV, p. 379). Tal a travessia do sertão pelo protagonista, tal o estilo do autor de apresentar seu retrato do Brasil. Um retrato criptografado.

Como próximo passo desta leitura, que procura captar o sentido da andança-narração “às tortas”, se fará necessário a análise e interpretação da escrita labiríntica de Guimarães Rosa. Só assim será possível testar plenamente a nossa tese de que o sertão, nesse autor, deixa de ser assunto temático para se tornar uma forma de pensamento. Embora isso seja assunto para um ensaio complementar, já se pode dar aqui uma idéia do caminho.

A declaração do narrador rosiano “Falo por palavras tortas. Conto minha



vida, que não entendi” (GSV, p. 370) faz eco às palavras de Euclides: “uma sociedade que compreendia melhor a vida pelo incompreendido dos milagres” (Cunha, p. 216). No caso de Riobaldo não se trata, porém, do incognoscível, mas da ação de um *enmascarado* que é, na verdade, um contrafeitor das ações de Antonio Conselheiro. Vejamos os antecedentes da segunda travessia do Liso.

Afora as inquietações metafísicas do chefe Urutú-Branco, sobre as quais ele se estende por páginas e páginas, há uma ocorrência prosaica: cinco homens do bando, os urucuianos trazidos por Zé Bebelo, resolvem ir embora. Esse detalhe material coloca o chefe do bando diante de um problema sério: sua mão-de-obra começa a ir embora – e ele, o chefe patrão, sentaria em cima de nada se essa recusa de trabalhar em sua empresa contagiasse os demais.

Como expressão desse conflito trava-se – em frases separadas umas das outras por longos intervalos (repare-se nesse traço estilístico) – um duelo retórico, uma discussão política. “Quem cuida das rocinhas nossas, em trabalhar pra o sustento” “das famílias da gente”? perguntaram os sertanejos no momento do seu recrutamento compulsório pelo Chefe Riobaldo (GSV, p. 337). A resposta: “As famílias capinam e colhem, completo, enquanto vocês estiverem em glórias”, “Vamos sair pelo mundo, tomando dinheiro dos que têm, e objetos e as vantagens, de tôda valia...” (p. 337). Com esse discurso, que é um aliciamento para o crime, Riobaldo apropriou-se da mão-de-obra.

Num dado momento, porém, os cinco urucuianos dão a réplica, nas palavras e na ação. Eles voltam para sua “labuta de plantações” (p. 376), explicando ao chefe que “A gente gastou o entendido...” (p. 377). Vale dizer que eles estão fartos de retórica.

Nessa situação de crise, que pode se alastrar, qual é o recurso que resta ao chefe Riobaldo? Já não basta o mero discurso de persuasão. Ele o experimenta por um momento: “— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!” (p. 377), mas esse lance demagógico revela-se inoperante. É preciso, então, uma ação exemplar, uma proeza que tenha a força de impressionar e arrastar a todos. Riobaldo se prepara para encenar um milagre.

Assim como Hákim de Mery, que cega um leopardo para persuadir a multidão incrédula e impor-se a ela, Riobaldo domina o Liso do Sussuarão (de *suçuarana*; cf. a onça emblemática no mapa de Poty), cavalga o sertão-tigre. Sua ação de atravessar o Liso é uma contrafação da travessia do deserto por Antonio Conselheiro. Se o Conselheiro dominava os sertanejos “sem o querer”, a ação do chefe Urutú-Branco é ditada pela vontade de dominação. A hégira para Canudos foi um projeto comunitário, a travessia do Liso por parte de Riobaldo é uma empresa particular.

O que sucede imediatamente após a travessia do Liso? O ataque à fazenda do Hermógenes – como, aliás, toda a campanha contra ele – revela-se como sendo apenas uma camuflagem retórica. O motivo verdadeiro da travessia do Liso aparece nestas palavras: “não esquentamos lugar na redondez [da fazenda do Hermógenes],

mas viemos contornando – só extorquindo vantagens de dinheiro, mas sem desvastar nem matar – sistema jagunço” (GSV, p. 391). À luz dessa declaração percebe-se que o empreendimento de atravessar o Liso não tem nada de metafísico ou milagreiro (esse é o invólucro retórico), mas é uma etapa-chave de legitimação do “sistema jagunço”, que é um estado que se mantém baseado na lei do mais forte. Dito de outra maneira: o tópos da travessia do deserto é retrabalhado por Guimarães Rosa como mimese ficcional de uma retórica política e econômica milagreira.

Para honrar o tema, o fecho de ouro poderia ser mais um milagre, esta imagem evocada por Riobaldo no miolo da travessia do Liso:

*Pois os próprios antigos não sabiam que um dia virá, quando a gente pode permanecer deitada em rêde ou cama, e as enxadas saindo sòzinhas para capinar roça, e as fôices, para colherem por si, e o carro indo por sua lei buscar a colheita, e tudo, o que não é o homem, é sua, dêle obediência?* (GSV, p. 383)

Para uma pequena minoria esse milagre já chegou. Trata-se de um sistema vigente não só no sertão, mas em toda a parte, e que já foi detalhadamente analisado por um teórico oitocentista considerado obsoleto hoje em dia.

“Dissolver a mitologia no espaço da História” foi a proposta metodológica desta leitura de **Grande sertão: veredas**, exemplificada com um olhar sobre o duplo episódio do Liso do Sussuarão. A “dissolução” ou “análise” não significa, contudo, que a informação ficcional possa ser reduzida a um enunciado, supostamente mais claro, de teoria política. Pelo contrário: os valores políticos emancipatórios, para serem preservados do desgaste retórico, necessitam também do manto protetor da mitologia e da ficção. Por isso, a dissolução de tais mitologias jamais se pode dar como a fixação, mas apenas como um relampejar de um sentido histórico. Essa relação dialética pode ser explicada melhor se examinarmos de mais perto o objeto em função do qual o nosso método foi escolhido: o *Liso* do Sussuarão.

A palavra *liso*, em português, designa algo “que tem a superfície plana e sem asperezas”; exemplo: “um pelo liso”. No sentido figurado, *liso* é “tratável”, “sincero”, “despretensioso”, “amável no trato”, “verdadeiro”: “uma pessoa lisa” (Caldas Aulete). A etimologia de *liso* é desconhecida (Silveira Bueno). Podemos nos ater, contudo, à etimologia da palavra homófona e homógrafa *liso*, que consta como primeiro elemento de compostos eruditos (exemplo: *lisofórmio*) com a idéia de “dissolvente” e “dissolução”. O verbo grego λυειν (presente: λυω, futuro: λυσω) significa “desatar”, “tirar as amarras de alguém”, e “destravar sua boca”, “falar livremente”. Significa também “deixar ir”, “soltar as rédeas”, e ainda: “pôr em liberdade”, “libertar da doença, do sofrimento, de provas penosas”. Além disso, λυειν quer dizer “dissolver”, “desagregar”, “romper”: “romper hierarquias”, “romper a ordem de uma batalha”, “romper tratados”, “romper leis”. Finalmente, λυειν é “quebrar o ânimo e a coragem de alguém”, “terminar”, “pôr fim”, “matar”. (Bailly)

De todos esses significados, o que mais interessa aqui é aquele em que



λυειν é usado como termo retórico-estilístico. Dentro do campo semântico de “desatar” e “dissolver”, a palavra designa, em Demétrio (§§ 192-194 e 229), um modo de escrever “disjuntivo”, que “libera as frases da sintaxe dos períodos”, deixando-as separadas umas das outras. É precisamente isso que se pode observar como característica do estilo e da composição de **Grande sertão: veredas**. Existem, espalhados pelo grande sintagma do romance, alguns conjuntos de frases discretas que contêm informações estratégicas. Semeadas de forma bem espaçada,<sup>8</sup> essas frases são distantes umas das outras e camufladas por longos trechos com assuntos apresentados enfaticamente, tais como batalhas, envolvimento afetivos, dúvidas existenciais, *casos* exemplares, especulações metafísicas... Aparentemente de importância menor, as frases em questão são observações feitas *en passant*, formando, no entanto, uma rede de recados secretos. Recados não tanto de ordem esotérico-metafísica – estes fazem parte dos assuntos enfáticos e caracterizam o tipo de leitura predominante na recepção do romance –,<sup>9</sup> mas informações-chave sobre a visão rosiana da história e da política no Brasil.

A análise da representação da paisagem em **Grande sertão: veredas** nos levou a detectar um traço estilístico que, na esteira de Demétrio, eu chamaria de estilo *disjuntivo e desatador*, com a dupla função de guardar os recados secretos e de dissolver as mensagens enfáticas.<sup>10</sup> Em termos mais gerais, esse estilo representa uma poética da dissolução, no sentido de que o romance de Guimarães Rosa se configura como um poderoso dissolvente de outros tipos de discurso. Discursos sobre o sertão, como os dos autores regionalistas ou de Euclides da Cunha; discursos sobre o Brasil, como os dos sociólogos, ou dos políticos, ou dos sociólogos que viraram políticos; discursos da crítica sobre a obra de Guimarães Rosa: impressionistas, estruturalistas, metalingüísticos, filosóficos, psicanalíticos, sociológicos, culturais...

Evidentemente, também este trabalho se situa entre esses discursos. O objetivo era elucidar a construção do “sertão” em Guimarães Rosa, como uma forma de pensamento. Vimos que o sertão se configura como uma *imagem arcaica* e, ao mesmo tempo, como uma *imagem dialética* ou histórica, tal como as conceituou Walter Benjamin (GSV/2, p. 1.157-1.162 e GSV/3, p. 1.238). Imagem arcaica no sentido de que se trata de camadas míticas e mitologizantes do texto. Elas guardam um teor histórico e político que pode ser posto em evidência por um olhar analítico – sabendo que a revelação desse teor (que é a transformação da imagem arcaica em imagem dialética) se dá sob o olhar de volta do objeto analisado que é, ele também e em alto grau, um medium dissolvente. O texto de **Grande sertão: veredas** responde ao olhar de quem o lê e analisa; responde com um olhar indomado, suquaranamente selvagem e cristalino, olhar de jaguar verdadeiro, olhar liso.

<sup>8</sup> Conforme me contou Neuma Cavalcante, Guimarães Rosa descreveu para Paulo Dantas a sua técnica de escrever “espaçado”.

<sup>9</sup> Foi, contudo, um hermenêuta esotérico, F. Utéza (1994, p. 195-201), que forneceu uma primeira pista sobre o modo rosiano de escrever espaçado e oculto.

<sup>10</sup> A observação de Demétrio (§§ 192 e 226) de que “o estilo disjuntivo é causa de obscuridade” é válida tanto para Heráclito quanto para Guimarães Rosa.

## ABSTRACT

Focusing on a micro-model of the sertão, the “Liso do Sussuarão”, this paper studies the construction of landscape in **Grande sertão: veredas** as a component of the genre “portraits of Brazil”. Confronting fictional geography with real geography, I investigate Guimarães Rosa’s thesis of the sertão as a “form of thought”, “which rises above the power of the place” – comparing that thesis with the paradigm of naturalist travelers, the positivist determinism of Euclides da Cunha and the proposals of New Historicism. As a dominant stylistic trait, the analysis detects a mode of writing which may be called the “poetics of dissolution”, by which Rosa’s novel powerfully dissolves other kinds of discourses on Brazil.

### Referências bibliográficas

- A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1985.
- BAILLY, A. *Dictionnaire grec-français*. Paris: Hachette, 1950.
- BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften*. Frankfurt: Suhrkamp, 1972-1989. 7v.
- BOLLE, Willi. Guimarães Rosa: leitor de Euclides. *Brasil/Brazil*, Porto Alegre, n. 20, 1998, p. 9-41.
- BORGES, Jorge Luis. *Historia Universal de la Infamia*. Buenos Aires: Emecé, 1990. El tintorero enmascarado Hákim de Merv. p. 324-328. (Obras completas, 1)
- BRAUDEL, Fernand. *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l’époque de Philippe II*. Paris: Armand Colin, 1966. 2v.
- AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1964. 5v.
- COSTA, Ana Luiza Martins. Poty parceiro de Rosa. *Livros*, Porto Alegre, out./nov./dez. 1998.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DÉMÉTRIOS. *Du Style*. Ed. e trad. Pierre Chiron. Paris: Les Belles Lettres, 1993.
- LE PAYSAGE en France et en Allemagne autour de 1800. *Revue Germanique Internationale*, Paris, n. 7, 1997.
- LIMA, Luiz Costa. *Terra ignota: a construção de “Os Sertões”*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais, sertanejos e imaginação social*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1997. (Tese, Doutorado em Letras).
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1967.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1968. 8v.



- SPIX, Joh. Bapt. von, MARTIUS, Carl Friedr. Phil. von. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. 3v.
- TAINÉ, Hippolyte **Essais de critique et d'histoire**. Paris: Hachette, 1874.
- TAINÉ, Hippolyte. **Essay sur Tite-Live**. Paris: Hachette, 1860.
- UTÉZA, Francis. **Metafísica do Grande sertão**. São Paulo: Edusp, 1994.
- ZILLY, Berthold. Der Sertão as Wiege der Nation? Zwölf Thesen zu Ethnien und Nationbildung in Os Sertões von Euclides da Cunha. In: AKTEN DES BERLINER BRASILIEN-KOLLOQUIUMS, 1995, Frankfurt. **Brasilien im Umbruch**. Frankfurt: TFM, 1996, p. 275-293.